



CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Nair Benedicto e Rosa Gauditano: imagens denunciadoras

Arlane Gomes Marinho

<https://orcid.org/0000-0002-1106-9199>

arlanemarinho1@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende analisar por meio do aspecto sociopolítico as produções fotográficas de Nair Benedicto e Rosa Gauditano realizadas durante os últimos quinze anos da ditadura militar brasileira (1964 – 1985). Particularmente, nos interessa evidenciar nesta pesquisa as imagens que possuíam o intuito de denunciar e noticiar a falta de limites do autoritarismo militar. Possivelmente, as fotógrafas mencionadas foram as únicas mulheres a registrar as greves e as passeatas em vias públicas realizadas durante a vigência do regime militar. Gauditano e Benedicto estavam interessadas em visibilizar aqueles e aquelas que estavam silenciados ou invisíveis diante de um governo autoritário.

Palavras-chave: Fotografia. Denúncia. Mulheres fotógrafas.

Abstract

El presente trabajo pretende analizar a través del aspecto sociopolítico, las producciones fotográficas de Nair Benedicto y Rosa Gauditano tomadas durante los últimos quince años de la dictadura militar brasileña (1964 - 1985). En particular, nos interesa destacar en esta investigación las imágenes que pretendían denunciar y dar a conocer la falta de límites del autoritarismo militar. Posiblemente, las mencionadas fotógrafas fueron las únicas mujeres que registraron las huelgas y marchas en la vía pública realizadas durante el régimen militar. Gauditano y Benedicto estaban interesadas en visibilizar a los silenciados o invisibles ante un gobierno autoritario.

Keywords: Fotografía. Denuncia. Mujeres fotógrafas.

Aspectos introdutórios

A luta pela redemocratização do Brasil no contexto da ditadura militar é narrada majoritariamente por homens. A invisibilidade das contribuições das mulheres nesta causa ainda é recorrente. A pesquisadora Anna Maria Colling esclarece:

A distinção entre público e o privado estabelece a separação de poder. O silêncio sobre a história das mulheres advém de sua não participação na arena pública, espaço da política por excelência. Neste sentido a história da repressão durante o período da ditadura militar é uma história de homens. A mulher militante política não é encarada como sujeito histórico, sendo excluída do jogo do poder. (COLLING, 2004, p. 2).

Contudo, algumas mulheres enfrentaram o patriarcado machista e preconceituoso, dentre elas estão Nair Benedicto e Rosa Gauditano. Ambas iniciaram suas trajetórias no fotojornalismo em um período que a profissão era composta majoritariamente por homens. As barreiras eram muitas, além da dificuldade de serem respeitadas no labor da fotorreportagem, havia o contexto social marcado por repressão e censura militar. Mas, esses fatores não as impediram de denunciar a falta de limite dos militares, por meio da fotografia.

Importante salientar que as fotógrafas atuaram no momento de efervescência da segunda onda¹ do movimento feminista no Brasil, influenciando significativamente o olhar destas fotojornalistas, pois estavam atentas às consequências da repressão para as mulheres. O fortalecimento feminino se deu em paralelo ao regime repressor brasileiro, nesta conjuntura a atuação das fotógrafas se intensificou, marcando significativamente a produção de imagens para publicação em jornais que se opunham regime militar. Estes periódicos ficaram conhecidos como imprensa alternativa.

Nair Benedicto e Rosa Gauditano possuem trajetórias profissionais que se cruzam em alguns aspectos, não só por aqueles citados anteriormente. Ambas fotógrafas trazem o horror da ditadura nas suas imagens, mas também trazem reflexão. Não capturaram o sangue jorrando, mas perceberam olhares que pediam socorro ou que mesmo diante de um cenário político conflituoso, encontraram motivos para acreditar.

¹ Celi Pinto (2003) afirma que a primeira onda do movimento feminista no Brasil aconteceu entre 1920 e 1930. A principal pauta era a solicitação do direito ao voto para mulheres. Já a segunda onda ocorreu entre os fins dos anos de 1960 até 1980 e pleiteou outras formas de autonomia, com isso a necessidade de repensar padrões estabelecidos pela hegemonia masculina, tanto no âmbito privado quanto público.

Benedicto e Gauditano: denunciadoras

Denunciadoras de um cenário nacional marcado por escassez de liberdade de expressão. As fotógrafas registraram temas equivalentes no início de suas trajetórias profissionais: relações de gênero, a condição da mulher, a situação indígena durante o período ditatorial e as manifestações sociais contra os abusos dos militares.

Em 1969 Nair Benedicto foi presa² no Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) na cidade de São Paulo. Apesar de não ter participado diretamente da luta armada pela redemocratização do país, Benedicto foi acusada de envolvimento com atividades terroristas. Foram nove meses de tortura física e psicológica. Em março de 1970, ela conseguiu o alvedrio, mas na condição de liberdade vigiada.

Em 1972, Nair Benedicto se formou no curso de Comunicação Social com habilitação para Rádio e Televisão pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Almejava trabalhar na TV, mas em seu Atestado de Conduta constava sua passagem pela polícia. Diante de tal empecilho ela decidiu trabalhar com fotografia. Sua trajetória no fotojornalismo começou ainda em 1972 como *freelancer* do *Jornal da Tarde* em São Paulo.

Possivelmente, a forma de resistir ao autoritarismo militar foi lançar um olhar atento e denunciador para a realidade social dos brasileiros e brasileiras esquecidos pelo poder público. Benedicto documentou as greves dos trabalhadores do ABC paulista, os movimentos Contra a Carestia, o movimento feminista e de mulheres³, os impactos da construção da Transamazônica na vida dos índios da região e tantas outras pautas que não eram abordadas pelos grandes meios de comunicação nacional.

Gauditano iniciou sua atuação no fotojornalismo em meados da década de 1970. Segundo consta no *site* oficial da fotógrafa Rosa Gauditano, a mesma possui uma graduação em Vídeo Digital pela Universidade Paulista, atuou como docente na Pontifícia Universidade de São Paulo na área da fotografia e começou sua carreira trabalhando para o jornal *Versus* em São Paulo⁴. Nesse periódico Gauditano laborou entre 1977 e 1980, atuou como fotógrafa e mais tarde como

² Sobre isso, ver MARINHO, Arlane Gomes. Denúncia e sensibilidade: a produção fotográfica de Nair Benedicto. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2020. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_14371 DISSERTA%C7%C3O%20FINAL%20Arlane%20Gomes%20Marinho%20v.2.pdf>

³ O movimento de mulheres era composto por mulheres que lutavam por um custo de vida justo, pela anistia, pela liberdade dos seus filhos ou cônjuges presos pelos militares, mas não associavam suas reivindicações à pauta do movimento feminista. Em outras palavras, elas não priorizavam a luta por igualdade de gênero, não se denominavam feministas, pois a batalha delas era centrada no processo de redemocratização. Araujo (2000, p. 161) esclarece que o “Movimento Feminino pela Anistia ou o Movimento contra a Carestia (encabeçado pelas donas de casa da periferia)” estava inserido no movimento feminino ou simplesmente movimento de mulheres.

⁴ Informações disponíveis em: <<https://www.rosagauditano.com.br/curriculum-vitae>> Acesso em: 11 de outubro de 2021.

editora de fotografia. Trabalhou também como *freelancer* para os periódicos *Movimento*, *Em Tempos* e *Nós Mulheres*, jornais da imprensa alternativa. Esse último, era um tabloide que expressava em suas páginas o pensamento feminista daquela conjuntura.

A imprensa alternativa teve um papel relevante no enfrentamento, resistência e denuncia do autoritarismo dos militares. O jornalista Bernardo Kucinski (1991, p. XIII) esclarece que os jornais alternativos denunciavam intensivamente a falta de limite dos militares, os atos de tortura, os abusos aos direitos humanos, além de criticar publicamente o modelo econômico tão enaltecido pelos militares na época.

Com uma atuação marcante na imprensa alternativa Rosa Gauditano, assim como Benedicto, documentaram fatos que marcaram a história do país. Em 1978, Gauditano fotografou as mobilizações da greve do ABC paulista e as manifestações Contra a Carestia. Ao escolher registrar as reivindicações da classe trabalhadora a fotojornalista noticia as más condições de labor dos operários. Além disso, anunciou ainda a repressão militar diante do grito de socorro do povo massacrado por um governo autoritário.

Nas manifestações Contra a Carestia, ambas as fotógrafas registraram atentamente a participação das mulheres. Essas que estavam sentindo cotidianamente os impactos dos altos preços dos alimentos da cesta básica, provavelmente eram mães, donas de casa e trabalhadoras. Além disso, outra possibilidade para o número relevante da participação feminina nas manifestações populares em locais públicos naquela conjuntura, se deu pelo fortalecimento do movimento feminista e do movimento de mulheres.

O pesquisador, Nadine Herbert (1992, p. 56) afirma que o Movimento Contra a Carestia havia três reivindicações basilares: “congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, concessão de um abono salarial de 20% para todos os trabalhadores e aumento salariais acima do custo de vida”.



Figura 1. Rosa Gauditano.
Movimento Contra a Carestia.
1978. Fonte:
<https://revistazum.com.br/radar/rosa-gauditano-greves-abc/>.

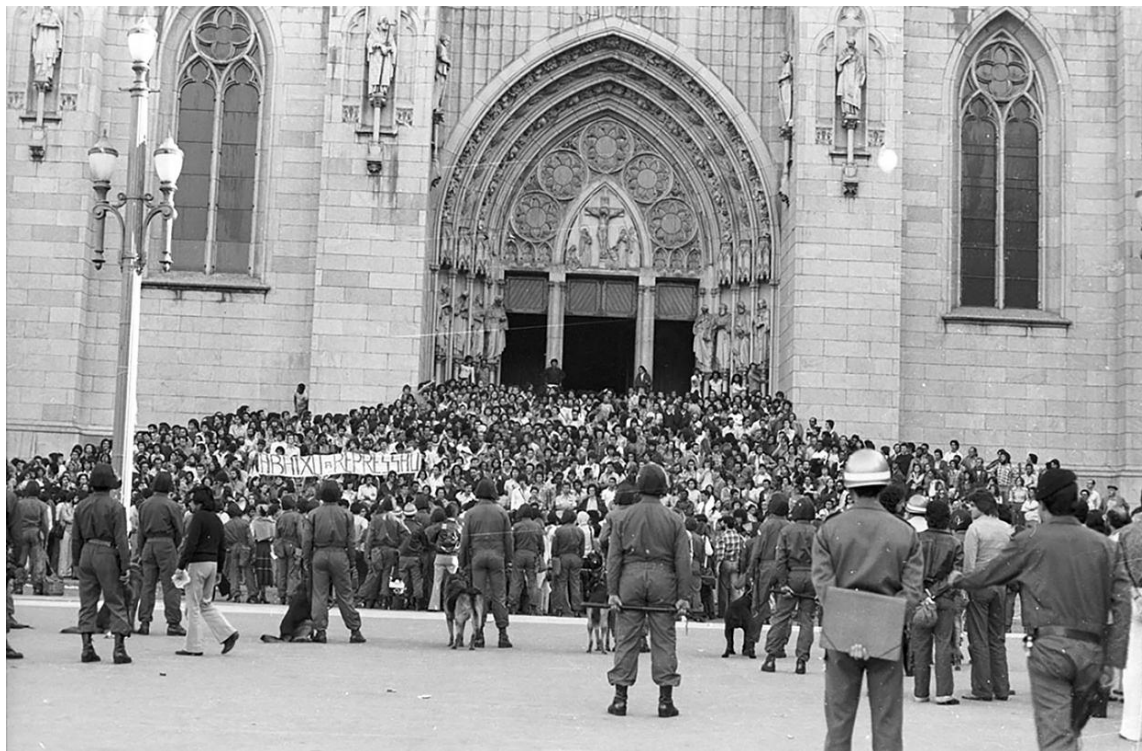


Figura 2. Rosa Gauditano. *Movimento Contra a Carestia*. 1978. Fonte: Studio Imagens



Figura 3. Nair Benedicto. *Manifestação contra o custo de vida*. Praça da Sé. 1978. Fonte: N Imagens

Um olhar distraído poderia afirmar que as duas últimas fotografias (figura 2 e 3) são a mesma imagem ou no mínimo foram realizadas pela mesma pessoa. Na verdade, as imagens foram feitas no mesmo lugar, mas por fotógrafas diferentes.

As imagens foram capturadas no mesmo dia e local: ambas as fotógrafas estavam registrando o Movimento Contra a Carestia. Aparentemente elas estavam quase no mesmo plano, mas o registro aconteceu em momentos diferentes, pois na imagem de Gauditano observa-se que os cães que acompanham os militares estão em estado de alerta, enquanto na foto de Benedicto eles aparecem deitados no chão, revelando certa “tranquilidade”. (MARINHO, 2020, p. 72).

Importante observar ainda que além dos cães estarem em posição de descanso, na imagem capturada por Benedicto os detentores das faixas com as reivindicações se sentiram mais “seguros” para ergue-las. Ainda é relevante refletir que a fotografia foi realizada próxima aos policiais. A fotógrafa escolhe se acercar do perigo, como se fosse enfrentar os policiais pelas costas assim como eles enfrentavam o povo. Mas, a única arma que tinha era uma câmera fotográfica.

As manifestações ocorriam frequentemente próximas a alguma igreja católica, não por acaso. As instituições religiosas ofereciam anistia militar, ou seja, dentro daquele ambiente os militares estavam proibidos de prender os manifestantes.

Ainda neste sentido, em 1980 Benedicto registrou os metalúrgicos do ABC paulista dentro da Igreja Matriz de São Bernardo (Figura 4). Ao observar a fotografia é possível detectar que no momento da realização a fotógrafa se mistura entre os metalúrgicos para fazer registro imagético. Esse trabalho de Benedicto foi publicado no jornal *O São Paulo*. Esse periódico pertencia a Arquidiocese de São Paulo, não era um jornal de esquerda, mas se posicionava contra a ditadura militar.

Além do jornal *O São Paulo*, Benedicto assim como Gauditano, também laborou para o periódico alternativo *O Movimento*. Sobre a censura com suas fotografias em ambos os diários a fotógrafa relata:

Veja ou outra uma fotografia era censurada, mas a maioria foi publicada sem problemas. Naquela época eu colaborava com *O Movimento*, um jornal alternativo que era do Raimundo Pereira, e *O São Paulo*, que era um semanário da Arquidiocese de São Paulo, um jornal da igreja católica. Essas publicações eram frequentemente censuradas, então, de vez em quando, alguma fotografia também acabava censurada (BENEDICTO, 2013, p. 250).

Possivelmente algumas imagens conseguiram furar o bloqueio da censura, dado que um número significativo de militares não sabiam interpretar as

mensagens que as fotografias transmitiram, fato que facilitou a publicação de algumas obras imagéticas naquele momento.



Figura 4. Nair Benedicto. Metalúrgicos ABC, Igreja Matriz São Bernardo do Campo. (São Paulo). 1980. Fonte: N Imagens

Os pesquisadores Charles Monteiro e Carolina Martins Etcheverry (2019, p.202) esclarecem que os fotojornalistas que registravam as cenas de repressão ocorridas nas vias públicas precisavam andar em grupos e com credenciais que os habilitavam “a registrar as ações em prol da informação”. Além disso, trabalhar nas ruas na companhia de outros colegas de profissão significava mais um recurso de “proteção” contra a violência policial, principalmente para as mulheres fotojornalistas. Provavelmente, tal recurso justifica os registros dos mesmos movimentos ocorridos em ambientes públicos, de lugares e ângulos similares, realizados pelas fotógrafas aqui mencionadas.

Sobre a importância das agências fotográficas no contexto ditatorial, Monteiro e Etcheverry (2019, p.202) esclarecem:

No Brasil, foram criadas cooperativas e agências de fotógrafos, que eram tanto espaços de trabalho alternativos à grande imprensa, quando de organização política e de luta pela valorização do trabalho dos fotógrafos [...]. As agências de fotógrafos propuseram novas pautas e uma nova visualidade da sociedade brasileira e latino-americana, ao invés de valorizar a teatralização do poder pelos regimes militares e seus parcos sucessos econômicos, elas passaram a cobrir os movimentos sociais, a violência policial, a marginalização dos grupos indígenas e dos negros, a falta de moradia, o crescimento

das favelas, o empobrecimento das classes trabalhadoras, a diversidade religiosa e a riqueza da cultura popular.

Nair Benedicto, junto com Juca Martins, Delfim Martins, Ricardo Azoury e Ricardo Malta, foi uma das fundadoras da Agência F-4 em 1979, em São Paulo. Rosa Gauditano foi uma das criadoras da Agência Fotograma Fotojornalismo e Documentação, em 1987, em parceria com Ed Viggiani e Emidio Luisi.

Enquanto Benedicto registrou os trabalhadores “protegidos” dentro do templo religioso, Gauditano ainda em 1980, no meio da via pública, se misturou entre os metalúrgicos e a fumaça das bombas lançadas pela polícia. Fotografou momentos de tensão (figura 5).



Figura 5. Rosa Gauditano. *1º de maio*. São Bernardo do Campo. 1980. Fonte: Revista Zum

Sobre essa fotografia a pesquisadora Erika Zerwes destaca:

[...] registrando o momento em que a polícia militar soltou bombas de gás contra não apenas os metalúrgicos em greve, mas também contra a população que estava ao redor da Igreja Matriz de São Bernardo do Campo e que tentava naquele momento sair em passeata comemorativa do 1º de Maio. Novamente chama a atenção nesta imagem a proximidade da fotógrafa com a ação e com os seus protagonistas, posicionada justamente entre as pessoas e a bomba

de gás lançada em direção a elas, e que vai ser chutada para longe por um homem. (ZERWES, 2018.s/p.)

É notável a coragem da fotógrafa em colocar-se numa situação de risco, exposta à violência dos policiais, com intuito de possibilitar a visibilidade das pautas dos trabalhadores. Gauditano estava determinada a documentar a realidade daqueles que exigiam do “governo” condições mais justas de trabalho para conseguir sobreviver em um país marcado pelo autoritarismo militar.

Benedicto e Gauditano também tiveram um papel relevante junto ao movimento feminista daquele contexto marcado pela censura. Registraram os principais eventos protagonizados por mulheres que lutavam tanto pela redemocratização do país quanto pela igualdade de gênero.

Em 1980, ocorreu o II Congresso da Mulher Paulista que aconteceu no Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O evento reuniu um número significativo de mulheres, além disso foi um marco muito importante para o movimento feminista brasileiro. A pesquisadora Elisabeth Cardoso (2004, p.69) explica que tanto o II quanto o III Congresso marcaram uma “ruptura do movimento feminista com os partidos de esquerda e com as questões de classe”. A pesquisadora esclarece que após o II Congresso as pautas feministas se centraram nas questões que envolviam a desigualdade de gênero, deixando de priorizar a luta pela redemocratização junto aos movimentos de esquerda.

Gauditano e Benedicto estavam presentes no II Congresso. Ambas fotografaram mulheres que, assim como elas, enfrentavam o patriarcado machista no contexto ditatorial. Mas, tanto fotógrafas quanto fotografadas acreditavam que mesmo dentro daquele horror político e social, marcado por diversos tipos de violência física e psicológica, era possível lutar por dias melhores.

A imagem abaixo foi realizada por Gauditano. A mulher fotografada provavelmente está com o poder de fala. No primeiro plano da fotografia, temos a nitidez da mulher de costas com os dedos representado um V, de vitória. Tendo em vista aquele contexto, era realmente uma vitória reunir um número significativo de mulheres com intuito de refletir sobre as relações de gênero. Além de vitorioso, era ainda um ato de resistência. No segundo plano, as mulheres que escutam aparecem desfocadas na imagem, mas tinham o foco bem claro das ações que precisam realizar para conseguir respeito e garantia de direitos numa sociedade marcada pelo machismo.



Figura 6. Rosa Gauditano. *II Congresso da Mulher Paulista*. 1980. Fonte: Presença Art

Nair Benedicto e Rosa Gauditano nos mostra que o olhar de duas mulheres que vivenciaram um período histórico marcado pelo horror da ditadura militar é completamente diferente do olhar masculino, pois são realidades diferentes, fato que talvez explique a quase inexistência de limites entre denúncia e a sensibilidade estética, em algumas produções.

Os movimentos sociais, o movimento feminista e de mulheres nos é apresentado por meio do olhar destas fotógrafas que enfrentaram obstáculos como a censura, o medo da tortura, o ambiente profissional marcado pela presença masculina e tantas outras limitações que fogem ao nosso conhecimento, pois dizem da realidade particular de Gauditano e Benedicto. Elas nadaram contra a correnteza.

O filósofo francês Didi-Huberman (2015, p. 206) afirma que é necessário devolver as imagens censuradas para a “esfera pública”, pois são essas que realmente precisam ser observadas. As imagens das fotógrafas aqui mencionada são de extrema relevância para a esfera pública, pois além de naquela conjuntura denunciar a falta de limites dos militares também contribui para recontar a história recente do Brasil marcado pela censura.

Aspectos conclusivos

A produção imagética realizada por fotógrafos homens no mesmo período e com a mesma temática possui maior visibilidade do que as produções das fotógrafas mulheres aqui mencionadas. Gauditano e Benedicto não tiveram o reconhecimento necessário, principalmente naquela conjuntura. Nas duas últimas décadas estudos estão sendo realizados e sinais tímidos de valorização da obra de mulheres artistas/fotógrafas começaram a surgir com mais frequência. Contudo, há muitos aspectos a serem pesquisados sobre as contribuições e produções das mulheres no contexto ditatorial brasileiro.

Diante das questões aqui tratadas acerca das produções imagéticas realizadas pelas fotógrafas no contexto supracitado, podemos flertar com a possibilidade de que Benedicto e Gauditano encontraram na fotografia o motivo de resistência, denúncia e fortalecimento para as pautas feministas, dos trabalhares e de outros movimentos populares.

Contemporâneas, mulheres e marcadas por um momento histórico conturbado. Benedicto vivenciou literalmente a dor física da tortura, Gauditano sentiu as limitações e o peso da censura, contudo ambas não se deixaram tomar pelo medo. Ao contrário, enfrentaram com uma arma de denúncia poderosa: a câmara fotográfica.

Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio De Janeiro: Ed. FGV, 2000.

BENEDICTO, Nair. *Vi ver: Fotografias de Nair Benedicto*. Porto Alegre: Brasil Imagem. 2012.

_____. *Tinha tudo para dar errado! Por sorte, deu tudo certo*. Entrevista a Paulo Cesar Boni. Revista Discursos Fotográficos. Londrina, v.9, n.15, p. 243-262. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/16890/pdf_11> Acesso em: 24 de outubro de 2021.

CARDOSO, Elizabeth. *Imprensa feminista brasileira pós-1974*. Dissertação apresentada ao curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2004.

COLLING, Ana Maria. *As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil*. In: VII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. A questão social no novo milênio. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/11605/7457>> Acesso em: 24 de outubro de 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Devolver uma imagem*. In: ALLOA, Emmanuel (Org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, pp. 205-225.

HABERT, Nadine. *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

MARINHO, Arlane Gomes. *Denúncia e sensibilidade: a produção fotográfica de Nair Benedicto*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2020. Disponível em:<
http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_14371 DISSERTA%C7%C3O%20FINAL%20Arlane%20Gomes%20Marinho%20v.2.pdf> Acesso em: 23 de outubro de 2021.

MONTEIRO, Charles; ETCHEVERRY, Carolina Martins. *Fotografia e cultura visual nas ditaduras latino-americanas (1960-1980)*. Diálogos. v.23, n.3. 2019. Disponível em:<
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/48486>> Acesso em: 06 de outubro de 2021.

PINTO, Celi Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2003.

ZERWES, Erika. *As fotografias de Rosa Gauditano e as greves do ABC no final dos anos 1970*. Reportagem para Revista de Fotografia ZUM. 2018. Disponível em:<
<https://revistazum.com.br/radar/rosa-gauditano-greves-abc/>> Acesso em: 23 de setembro de 2021.

Como citar:

GOMES MARINHO, Arlane. Nair Benedicto e Rosa Gauditano: imagens denunciadoras.. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 790-801, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.062>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>